

Uma festa absurda

Teatro Caleidoscópio leva ao palco peça sobre as relações contemporâneas

Nahima Maciel

A companhia do Teatro Caleidoscópio sobe ao palco neste fim de semana com uma montagem cheia de referências à vida contemporânea e com linguagem marcada pelo absurdo. Escrita pelo espanhol Rafael Sánchez Montoj há 10 anos, *Valvarius, a fraude* traz à cena um grupo de sete pessoas imersas em um mundo no qual nada é o que parece ser.

Jaroslav, vivido por André Amahro, recebe Manuek para, supostamente, comemorar o próprio aniversário em uma festa que não parece sua e em uma casa que, também, não parecer ser a sua. Ao longo da noite, desembarca na tal celebração uma coleção de personagens aleatórios e bizarros. As cenas se desenrolam sem que as coisas façam sentido e, em determinado momento, o espectador tem dúvidas até mesmo em relação à veracidade do aniversário. “É a história de dois amigos que se reúnem para um suposto aniversário, visitas inesperadas vão chegando a cada momento. E os personagens vivem de suposições. Vivem acreditando estar diante de alguma coisa sem ter certeza dessas coisas”, explica Amahro, diretor geral da montagem.

Ele associa o absurdo da situação às relações no mundo contemporâneo. “A gente gente não tem certeza se as pessoas são o que são, se as promessas serão cumpridas, se o mundo é

FOTOS: CLAUDIO LAGO/DIVULGAÇÃO



Personagens não são o que parecem na peça *Valvarius, a fraude*



O absurdo marca a dramaturgia da peça



Tudo começa na celebração de um aniversário

SERVIÇO

Valvarius, a fraude

Dramaturgia: Rafael Sánchez Montoj. Direção geral: André Amahro. Com André Amahro, Elias Santos, Fabiana Tenório, Flavia Neiva, Raquel Aló, Sandra Regina e Vanessa Di Farias. De hoje a 25 de maio, sextas e sábados, às 20h, e domingos, às 19h, na Casa dos Quatro (SCLRN 708 Bloco F Loja 1)

o que a gente vê, o que é fake e o que não é”, explica. Para ele, o texto de Montoj fala sobre a dificuldade de tecer certezas e convicções em um mundo cheio de dúvidas. “É um pouco do absurdo que reina nessa peça, de tentar se relacionar no vazio, viver entre pessoas sem acreditar nelas, sem acreditar em si mesmo”, diz.

A situação pode parecer lúgubre e sombria entre os personagens que não se

conhecem, não se entendem e parecem perdidos, mas o humor perpassa toda a encenação. “Porque o teatro do absurdo faz a gente rir dessas situações”, garante o diretor, que também aponta uma série de simbologias presentes em cada personagem. “A peça é um pouco isso das pessoas se passando por não pessoas, por outras pessoas, outras profissões, simulando outros personagens sociais”, diz.